

# TODAS AS ARTES



**REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA**

**ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE**



**Vol. 8, N. 2, Mai.-Ago. 2025**  
**ISSN 2184-38052**

# **WALK ON MY SHOES E “O INFERNO” DE SER “O OUTRO”: DIVERSIDADES E DESAFIOS PRESENTES NOS SILENCIAMENTOS FEMININOS**

**“WALK ON MY SHOES” AND “THE HELL” OF BEING “THE  
OTHER”: DIVERSITIES AND CHALLENGES PRESENT IN THE  
SILENCING OF WOMEN**

**WALK ON MY SHOES ET “L’ENFER” D’ÊTRE “L’AUTRE”: DIVERSITÉS  
ET DÉFIS PRÉSENTS DANS LES SILENCIEMENTS FÉMININS**

**WALK ON MY SHOES Y “EL INFIERNO” DE SER “EL OTRO”: DIVERSIDADES  
Y DESAFÍOS PRESENTES EN LOS SILENCIAMIENTOS FEMENINOS**

**Martina Viegas**

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil

**Luara Fukumoto**

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil

RESUMO: Nascer, tornar-se, reconhecer-se mulher? Questões em contextos de mobilização e reflexão sobre os desafios nos silenciamentos que tocam mulheres (nascidas ou que se reconhecem como mulheres): "as donas de casa", a quem não é permitido ser "donas de si"; as "egoístas" que não desejam ser mães, colocando em xeque expectativas biológicas; as "arrogantes", "autocentradas" demais; as objetificadas; as que "queimam" semelhantes em fogo amigo... Exemplos que mostram que desde o ventre são atribuídos às mulheres *papéis de utilidade* que tornam-se ferramentas de controle social, os quais acreditamos tratarem-se de ferramentas moderadoras da liberdade feminina - por permearem todos os silenciamentos, como demonstramos aqui por meio de um olhar Comunicacional-Afetivo-Ético e Estético em formato de ensaio - manifesto feminista. Apresentamos, deste modo, (neste artigo e em primeira mão), nosso projeto *Walk On My Shoes*, onde expandimos nossa abordagem de feminismo com autoras feministas que consideram diversas interseccionalidades atravessadas em sociedade pela cultura patriarcal aqui representada materialmente e por vias da Arte e Design em proposições provocativas de calçados femininos.

Palavras-chave: mulheres; silenciamentos; papéis de utilidade.

ABSTRACT: To be born, to become, to recognize oneself as a woman? Questions in contexts of mobilization and reflection on the challenges posed by the silences that affect women (born or who recognize themselves as women): "housewives," who are not allowed to be "masters of themselves"; the "selfish" ones who do not wish to be mothers, challenging biological expectations; the "arrogant," "self-centered" ones; the objectified; those who "burn" their peers in friendly fire... Examples that show how, from the womb, women are assigned roles of utility —which become tools of social control. We believe these are moderating tools of female freedom, permeating all silences, as demonstrated here through a Communicational-Affective-Ethical and Aesthetic gaze in the format of a feminist essay-manifesto. Thus, we present (in this article and for the first time) our project Walk On My Shoes, where we expand our feminist approach with feminist authors who consider diverse intersectionalities traversed by patriarchal culture in society—here materially represented through Art and Design in provocative propositions of women's footwear.

Keywords: *women; silencings; utility roles*

RÉSUMÉ: Naître, devenir, se reconnaître femme? Questions dans des contextes de mobilisation et de réflexion sur les défis posés par les silences qui touchent les femmes (nées ou qui se reconnaissent comme femmes): « les femmes au foyer », à qui il n'est pas permis d'être « maîtresses d'elles-mêmes » ; les « égoïstes » qui ne souhaitent pas être mères, mettant en question les attentes biologiques ; les « arrogantes », trop « aut centrées » ; les objectifiées ; celles qui « brûlent » leurs semblables dans un feu ami... Exemples qui montrent que, dès le ventre maternel, des rôles d'utilité sont attribués aux femmes — devenant des outils de contrôle social. Nous considérons ces rôles comme des outils modérateurs de la liberté féminine, traversant tous les silences, comme nous le démontrons ici à travers un regard Communicationnel-Affectif-Éthique et Esthétique sous forme d'essai-manifeste féministe. Nous présentons ainsi (dans cet article et en première main) notre projet Walk On My Shoes, où nous étendons notre approche féministe avec des autrices féministes qui considèrent les diverses intersectionnalités traversées par la culture patriarcale dans la société — ici matérialisées et représentées par l'Art et le Design à travers des propositions provocatrices de chaussures féminines.

Mots-clés: femmes, silenciements, rôles d'utilité.

RESUMEN: Nacer, convertirse, ¿reconocerse mujer? Cuestiones en contextos de movilización y reflexión sobre los desafíos planteados por los silencios que tocan a las mujeres (nacidas o que se reconocen como mujeres): "las amas de casa", a quienes no se les permite ser "dueñas de sí mismas"; las "egoístas" que no desean ser madres, cuestionando expectativas biológicas; las "arrogantes", demasiado "autocentradas"; las objetivadas; las que "queman" a sus semejantes en fuego amigo... Ejemplos que muestran que, desde el vientre, se atribuyen a las mujeres roles de utilidad que se convierten en herramientas de control social, los cuales creemos que son herramientas moderadoras de la libertad femenina - al permear todos los silencios, como demostramos aquí a través de una mirada Comunicacional-Afectiva-Ética y Estética en formato de ensayo-manifiesto feminista. Presentamos, de este modo, (en este artículo y en primera mano), nuestro proyecto Walk On My Shoes, donde expandimos nuestra aproximación feminista con autoras feministas que consideran diversas interseccionalidades atravesadas en sociedad por la cultura patriarcal aquí representada materialmente y por vías del Arte y Diseño en proposiciones provocativas de calzado femenino.

Palabras-clave: mujeres, silenciamentos, roles de utilidad.

## 1. Contextualizando “O Inferno” de Ser o “Outro”

Inspiradas em Jean-Paul Sartre e sua obra *Entre Quatro Paredes* (2023: 139), que guarda a famosa frase “O inferno são os outros” e em Simone de Beauvoir e suas reflexões acerca do feminino e da construção das mulheres sob o olhar e a influência da sociedade em sua obra *O Segundo Sexo* (2020), este trabalho apresenta o que acreditamos ser o silenciamento primordial que toca mulheres: os papéis de utilidade, pois acreditamos que estes atuem como ferramentas moderadoras da liberdade feminina ao permear todos os silenciamentos, como demonstramos aqui por meio de um olhar Comunicacional-Afetivo, Feminista e Estético. Nossa proposta<sup>1.)</sup>, portanto, é que este seja o início de um movimento de partilhas de ativismos feministas entre o ser e o existir de si e dos outros, no coletivo social conjugado por todos nós.

Importante ressaltar que embora o tema de nossa pesquisa aqui apresentada seja inspirado na célebre frase de Jean Paul Sartre - com propagação enfatizada na obra de Simone de Beauvoir, não nos ateremos única e exclusivamente nem a esta inspiração, nem a estes autores mencionados. As diversidades e desafios presentes nos silenciamentos femininos são perceptíveis e vivenciadas por mulheres em todas as interseccionalidades e estratificações sociais, econômicas e culturais. A partir do inferno de Sartre, portanto, o “inferno” considerado neste trabalho abrange tudo que seja contrário às liberdades e escolhas femininas tolhidas, julgadas e castradas em contexto das opressões resultantes do patriarcado, reforçamos que tais opressões derivam do capitalismo e são manifestações-colaterais de danos às mulheres.

Ao abordarmos o *Outro* neste trabalho, partimos da corrente existencialista francesa, quando Sartre apresenta a ideia de que é somente na presença do outro que o sujeito se torna consciente de si mesmo para, logo após este momento, Beauvoir explorar o Outro como sendo a mulher em relação ao homem. Tal alteridade apresentada por Beauvoir, apresenta (ou denúncia?) uma construção social limitante, limitadora e definidora da identidade feminina sob a perspectiva masculina em sociedades construídas embasadas no patriarcado. Mas então, quem é “o outro”, senão todo aquele que não seja ou não represente alguém que não seja a gente? Os dedos apontados, os olhares inquisidores, as falas equivocadas, os abusos (de todas as formas, tangíveis ou intangíveis, visíveis ou não visíveis, reconhecidos ou não reconhecidos), dos outros sobre cada indivíduo, não acabam por culminar em um coletivo que também julga? Do mesmo modo que tudo que não seja referido a nós, é destinado ao outro, entendemos que podemos postular que nós também somos “o outro”, para alguém.

---

<sup>1.)</sup> Walk On My Shoes - Ande calçando os meus sapatos... Se você estivesse na minha pele... projeto idealizado, organizado, desenvolvido e liderado pelas pesquisadoras Luara Fukumoto e Martina Viegas, nasce enquanto proposição de materialização dos afetos e atravessamentos sentidos na produção de subjetividades presentes nos atos de nascer-tornar-descobrir-entender-se mulher em uma sociedade que ainda precisa debater - muito mais e sempre - temáticas feministas e sobre feminismos. O projeto busca trazer à discussão crítica que, na condição feminina, não basta colocar-se no lugar das mulheres para compreender suas condições, situação em que seria utilizada a expressão “walk in someone’s shoes”. Defende-se com o uso da preposição on em inglês que é preciso que esteja na pele, é preciso mais do que um simples ato de calçar ou descalçar sapatos posto que não é possível sair da condição feminina.

De modo direto ou indireto, julgamos e somos julgadas. Talvez seja este justamente o nosso maior desafio: permanecer com a autocrítica em estado operante; vendo, percebendo, enxergando, reconhecendo afetos e afetações, tal como suas implicações e desdobramentos do sentir. Ser “o outro” é signo inconteste e irrefutável. Significa a não-primazia, não-prioridade, significa tocar o que resta e não ser parte da produção original, significa não ser considerada sequer nos estudos sobre o próprio corpo, como no caso da Medicina que tão pouco se dedicou a estudar os corpos femininos com mulheres como prioridade. Ser a “opção que resta” é silenciar as necessidades primordiais para vidas minimamente dignas, respeitadas e socializadas. “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”, como já disse Chimamanda Ngozi Adichie (2019: 23).

## 2. Os papéis de utilidade

Espera-se que as mulheres trabalhem, mas não a ponto de deixarem de cuidar de suas famílias nem a ponto de terem mais sucesso (financeiro ou de status) do que os homens. Espera-se que as mulheres satisfaçam aos homens, mas não que sintam prazer sexual e nem que saibam, dominem e comentem seus próprios gozos. Espera-se que as mulheres engravidem e no tempo certo e da pessoa certa e que amem ser mães e que tenham filhos perfeitos e não que comentem sobre as dificuldades da gravidez, a realidade do puerpério nem que digam que seus companheiros estão sendo relapsos ou fazendo pouco em relação ao novo filho.

Como tangibilização dos *papéis de utilidade*, criamos o projeto *Walk On My Shoes*, que explicamos em maior profundidade logo a seguir e manifesta-se em arte e comunicação ético-estética dos três primeiros temas dos muitos que já estamos desenvolvendo sobre o que consideramos *papéis de utilidade*: Trabalho, Sexualidade e Maternidade. Tais temas são norteadores de reflexões e estudos, destacando o que acreditamos ser as principais categorias que aprisionam mulheres em *papéis de utilidade* presentes nas expectativas sócio-culturais-comportamentais a elas dirigidas.

Apresentamos aqui o conceito de *papéis de utilidade*, inescapável a nós após leituras e pesquisas sobre feminismos, opressões e patriarcado. Entendemos os *papéis de utilidade* como sendo moderadores das liberdades femininas, sejam elas as liberdades criadas e permitidas pela sociedade ou as liberdades imbricadas na formação da experiência feminina e que interfere, de forma subjetiva, na formação individual da própria experiência. Ou seja, apresentamos o conceito de *papéis de utilidade* como ferramenta tão presente na sociedade que transfere-se de uma geração a outra de mulheres e de homens, de forma inconteste e fluida, como se fossem estes papéis, obrigações inerentes à experiência feminina, sendo eles utilizados como justificativas para as infundáveis violências, opressões e silenciamentos praticados e replicados cotidianamente por estruturas sociais, meios de comunicação e formas de governo.

O trabalho e a organização social resultante dele deu-se de maneira diversa ao redor do mundo e, conseqüentemente, a organização sexual do trabalho também. Este ensaio/manifesto mantém o olhar centrado no desenrolar do desenvolvimento do trabalho dentro da sociedade brasileira e, portanto, utiliza-se de dados e pensadoras que consideram a diversidade do cenário local. As discussões feministas trazidas à tona sobre a reivindicação de uma parcela das mulheres por direito ao trabalho fora de casa enquanto uma grande parcela não tinha a opção de não trabalhar são indiscutíveis. Deste modo, entendemos que

até mesmo a (nem tão) simples necessidade de uma escolha neste sentido, também reproduz camadas de acessos não disponíveis a todas as mulheres: historicamente, a maior tolerância ao fato de mulheres brancas começarem a trabalhar fora de suas casas deu-se em períodos de maior instabilidade econômica do pós-guerra (Segunda Guerra Mundial); mulheres pretas sofreram ainda mais do que mulheres brancas neste contexto; mulheres precisaram trabalhar fora de suas casas pois seus esposos, pais, irmãos [...] já não conseguiam mais prover de todo, o tudo (ou não estavam mais vivos pois não retornaram das batalhas). Eis mais um ponto sobre a importância de decolonizar o feminismo, portanto - mas não é nada fácil, como sabemos bem: há teorias feministas diversas, mas que nem sempre tratam da diversidade. Ampliar o olhar às mulheres de um modo mais abrangente e inclusivo, requer consenso.

Deste modo, bell hooks (2024: 47) refere que:

Um problema crucial do discurso feminista reside em nossa incapacidade para chegar a um consenso sobre o que vem a ser o feminismo ou aceitar uma definição (ou mais de uma) que possa constituir um denominador comum. Sem um conjunto claro de definições consensuais não temos como edificar uma teoria nem instituir uma práxis significativa em termos gerais.

Grande parcela da população feminina que sempre trabalhou localiza-se majoritariamente em uma classe e em uma raça específicas. Quanto à classe, Rita Mae Brown afirma em seu texto “The Last Straw” (A última gota), a explicação de que classe:

é muito mais do que a definição de Marx para o relacionamento com os meios de produção. A classe envolve seu comportamento, seus pressupostos básicos, como você é ensinada a se comportar, o que você espera de si e dos outros, seu conceito de futuro, como você entende os problemas e os soluciona, como você pensa, sente, age. (Brown, 1974:15).

Antes disso, em 1949, Claudia Jones apontava para a realidade das mulheres negras nos EUA que, ao contrário do que acontecia com as mulheres brancas e seus trabalhos domésticos não-remunerados que indicavam que eram de uma certa classe média, para as mulheres negras, o trabalho doméstico remunerado indicava pobreza e racismo. Jones denuncia a “super exploração” e a “degradação” das mulheres negras já sugerindo que o feminismo negro lidaria com opressões “intersectadas” e insistia que “a mulher negra... (enfrenta) uma opressão especial como negra, como mulher e como trabalhadora” (1949: 7). Esta é a classe e a raça de mulheres que não tinham a opção de não trabalhar.

Considerando as disparidades de realidades entre as mulheres apresentadas previamente, destacamos a importância de se considerar interseccionalidades para evitarmos a exclusão de mulheres. As invisibilidades sofridas pelas mulheres negras são, inclusive, estatísticas, como apresentaremos a seguir. Em relação ao trabalho fora de casa, faz-se inegável a compreensão de que as mulheres carregam em suas experiências, o que é ser mulher e o que é esperado de tal situação. Constroem-se sobre as mulheres: famílias, estruturas familiares, seus sucessos e insucessos, sendo estes todos manifestações do capital simbólico das famílias, explicado por Bourdieu (2022: 164):

direcionadas à gestão do capital simbólico das famílias, as mulheres são logicamente levadas a transportar esse papel para dentro da empresa, onde se

lhes pede quase sempre para coordenar as atividades de apresentação e de representação, de recepção e de acolhida (aeromoça, recepcionista, anfitriã, guia turístico, atendente, recepcionista de congresso, acompanhante, etc.), e também a gestão dos grandes rituais burocráticos que, tais como os rituais domésticos, contribuem para a manutenção e o aumento do capital social de relações e do capital simbólico da empresa.

Trabalhar fora de casa - recebendo um salário e tendo um cargo com funções definidas e que exigem algum tipo de habilidade específica - não garante liberdade e autonomia às mulheres por ser o trabalho um lugar masculino, como bem descreve Bourdieu (2022: 22) ao dizer que há espaços sexuados, sendo a casa um espaço feminino e o trabalho fora de casa, um espaço masculino. A mera presença física em um ou outro espaço dá-se de maneira a carregar consigo todas as formas simbólicas de poder existentes nestes espaços. Sair de casa para trabalhar é algo possível para uma parcela da população feminina e, mesmo para esta parcela que transita neste mundo até mesmo conseguindo alcançar cargos de direção e presidência de empresas, “a divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas”. A naturalização da presença das mulheres em ambientes de trabalho fora de casa tem se apresentado como um esforço da sociedade, sobretudo, considerando que as “partes sexuadas” dos espaços propostas por Bourdieu, estão incorporadas “em todo o mundo social, (...), nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (Bourdieu, 2022: 22).

Contudo, este esforço da sociedade, seja ele advindo da necessidade de complementar a renda da família ou da indiscutibilidade da liberdade feminina de atuar profissionalmente, carrega em si os *papéis de utilidade* atribuídos às mulheres e podemos notá-los de quatro maneiras principais: a) o trabalho de cuidado é majoritariamente feminino; b) as violências e assédios sofridos no ambiente de trabalho são majoritariamente direcionados às mulheres; c) as mulheres buscam por formação acadêmica ligada aos trabalhos de cuidado; d) a desigualdade salarial permanece.

No contexto brasileiro, em levantamento realizado em 2022 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]), cerca de dois milhões e meio de mulheres não trabalhavam fora por precisarem ficar em casa para cuidar de parentes ou das tarefas domésticas. Quase sete milhões de mulheres entre 15 e 29 anos não estudavam e nem trabalhavam pelo mesmo motivo. No mesmo período, 80 mil homens saíram do mercado de trabalho pelo mesmo motivo, sendo que o principal motivo alegado foram problemas de saúde e somente 17 mil homens mencionaram questões domésticas como impeditivo para aqueles que queriam trabalhar.

Quanto às violências e assédios sofridos pelas mulheres no ambiente de trabalho, 76% das mulheres que trabalham fora já sofreram algum tipo de violência ou assédio (Instituto Patrícia Galvão e Locomotiva, 2020). Em nenhuma das dezenove perguntas realizadas na pesquisa há uma maioria masculina como resposta. Além disso, um dado importante ressalta quão imbricados estão os papéis simbólicos de poder na experiência feminina: em trecho espontâneo da pesquisa, “36% das trabalhadoras dizem já haver sofrido preconceito ou abuso por serem mulheres; porém, quando apresentadas a diversas situações, 76% reconhecem já ter passado por um ou mais episódios de violência e assédio no trabalho” (Instituto Patrícia Galvão e Locomotiva, 2020).

Destacamos aqui que b) violências e assédios sofridos no ambiente de trabalho são majoritariamente direcionados às mulheres e a pesquisa (Instituto Patrícia Galvão e Locomotiva, 2020) apontou que elas tinham dificuldades de identificar se estavam sofrendo algum tipo de violência ou assédio; portanto, foi preciso apresentar-lhes uma lista com as formas de violência que poderiam estar sofrendo. Esta naturalização da violência contra a mulher pode ser explicada por Lourdes Maria Bandeira (2019: 304) que apresenta que esta

constitui-se em fenômeno social persistente, multiforme e articulado por facetas psicológica, moral e física. Suas manifestações são maneiras de estabelecer uma relação de submissão ou de poder, implicando sempre situações de medo, isolamento, dependência e intimidação para a mulher. É considerada como uma ação que envolve o uso de força real ou simbólica por parte de outrem com a finalidade de submeter o corpo e a mente à vontade e à liberdade de alguém (Bandeira, 2019: 304).

Permanecendo no contexto brasileiro, em relação à c) mulheres buscam por formação acadêmica ligada ao trabalho de cuidado, é possível ver em pesquisa recente realizada pelo Ministério da Educação no Brasil (MEC)<sup>2.)</sup> e o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)<sup>3.)</sup> aventaram que, em relação à conclusão de cursos de graduação no ano de 2023, as mulheres foram maioria com exceção de duas áreas gerais de cursos: 1) Engenharia, produção e construção e 2) Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação. As três maiores presenças femininas dão-se nas seguintes áreas com os seguintes números de conclusão: 1) Educação, 76,3% de mulheres; 2) Saúde e bem-estar, 72,9% de mulheres e 3) Ciências sociais, comunicação e informação, 70,7% de mulheres (2024). Estes números apresentam em si, o que consideramos aqui, serem ecos do patriarcado que oprime de forma tão constante, tão presente e há tanto tempo, que moldou preferências profissionais por áreas de cuidado para as mulheres e, da mesma maneira, moldou os homens a preferirem áreas que são tidas como mais “racionais” e menos “emocionais”, posto que estas são culturalmente atribuídas às mulheres. Por fim, chegamos a d) desigualdade salarial que permanece a ponto de, em 2023, ter sido necessário que o presidente do país sancionasse uma lei dizendo o que já foi dito na Consolidação das Leis do Trabalho no Brasil (CLT)<sup>4.)</sup>, que data de 1943. A “Lei 14.611/2023 determina a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens”. Contudo, o artigo 461 da CLT, com alteração em 1952, já previa que “sendo idêntica a função, a todo trabalho de igual

---

<sup>2)</sup> O MEC é voltado a criar e executar a Política Nacional de Educação, buscando melhorar a qualidade do ensino em todo o país, desde a educação infantil até a pós-graduação, além de garantir o acesso à educação. Pode ser consultado por meio do link <https://www.gov.br/mec/pt-br>

<sup>3)</sup> INEP é o responsável por realizar estudos, pesquisas e avaliações do sistema educacional brasileiro visando subsidiar a criação de políticas públicas na área. Pode ser consultado por meio do link <https://www.gov.br/inep/pt-br>

<sup>4)</sup> A CLT organiza e protege as relações entre empregados e empregadores por definir direitos e deveres de ambas as partes, buscando garantir um ambiente de trabalho organizado e justo. Pode ser consultada por meio do link [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm)

valor, prestado ao mesmo empregador, no mesmo estabelecimento empresarial, corresponderá igual salário, sem distinção de sexo, etnia, nacionalidade ou idade.” Estando em vigor desde 1952, o que impede as empresas de oferecerem salários iguais a mulheres e homens que realizem as mesmas funções? Foi preciso criar uma lei separada para buscar uma igualdade salarial, já que esta não é identificada nas empresas e tem sido fortemente reivindicada pelas mulheres que atuam em ambientes de trabalho e buscam agora valorizar seus esforços e tê-los reconhecidos.

Finalizamos nosso pensamento sobre o trabalho como um dos *papéis de utilidade*, destacando que este somente o é posto que ainda há disparidades nos âmbitos apresentados anteriormente, fazendo-se imperioso notar que o trabalho da mulher ligado ao cuidado ainda é predominante e tido como inerente à condição feminina. O trabalho fora de casa ou dentro de casa, acreditamos e defendemos, não deveria ser moderador da liberdade feminina, contudo, o é.

### 3. Mulheres, maternidade e sexualidade

Sempre atrasadas, sempre correndo contra o tempo, sempre deixando alguma tarefa para trás, o sentimento de insuficiência intensifica-se quando a mulher percebe que deve escolher, afinal, se será ou não será mãe. O relógio biológico envia sinais que seu corpo logo interpreta como avisos: tic-tac, o tempo está correndo. Espera-se que a mulher queira ser mãe. A sociedade ainda a empurra para esta decisão de modo a deixar claro que não há o que pensar, não há o que escolher: “como assim, não quer ser mãe?”, perguntam. Questões religiosas misturam-se ao momento de decisão que deveria ser individual, mas acaba sendo sempre ou quase sempre, coletivo. Julgamentos, apontamentos, expectativas que são criadas sobre um corpo e uma vida que devem estar prontos, a todo custo, a gerar outro corpo e outra vida.

Se já não bastasse a pressão interna que algumas mulheres sentem em relação ao fato de precisar escolher, o quanto antes, qual rumo tomar, há a pressão que a faz pensar sobre os motivos pelos quais ela precisa abrir mão de sua carreira e estudos para ser mãe, enquanto ao homem é prometido e entregue “tudo”: principalmente quando o “tudo” refere-se ao homem dentro de uma raça e uma classe social específicas - branco e heteronormativo. Em uma sociedade que fetichiza os corpos de mulheres desde cedo, o tempo parece ser o menor dos controladores. As pressões da sociedade - nas figuras de familiares, amigos de trabalho, amigas que já são mães, etc... - dão-se de forma como se fosse natural que qualquer pessoa tivesse poder de decisão sobre um ato de tanta responsabilidade que, no final das contas, é só da mulher que engravida. Afinal, na sociedade patriarcal em que vivemos, recaem sobre as mães de forma díspar as responsabilidades por toda a vida do fruto da gravidez, seus sucessos e insucessos, sua saúde ou falta de seu intelecto e aptidões...

Se biologicamente o corpo feminino da mulher nascida mulher encontra-se maduro a partir da primeira menstruação, sabemos que o processo de entendimento sobre o impacto real dos atravessamentos que os afetos geram neste corpo apenas poderão ser mensurados se compreendermos que cada corpo, cada mulher, é um universo a ser visto, compreendido e respeitado em suas múltiplas particularidades e nuances. Assim sendo, tal e qual Maria Rita Kehl diz, “sabemos que a sexuação humana não é dada pelo sexo biológico, mas pelo atravessamento da cultura” (Kehl, 2016: 259).

Ao entender-se enquanto um corpo de mulher, este corpo passa a entender a questão de gênero enquanto dois lados de uma mesma moeda: sua sexualidade.

sexuar-se é inscrever-se no plano simbólico a partir da castração, que indica ao sujeito a pertinência a um, e só um, sexo. Homem ou mulher. Não há como recuperar o 'todo', ser homem ou mulher ao mesmo tempo, assim como não é possível ser qualquer outra coisa, pertencer a outro sexo além desses dois. Essas categorias marcam dois lugares nos quais os sujeitos se alinham, à esquerda ou à direita, segundo a mínima diferença que marca seu corpo, dotando de sentido a diferença entre os órgãos genitais: homens = sujeitos capazes de fecundar; mulheres = sujeitos capazes de procriar." (Kehl, 2016: 213)

Existe, então, alguma forma de como a mulher que biologicamente está apta a gerar uma criança, vir a ser mãe, antes de entender a fundo a sua sexualidade? Antes de conseguir explorar seu corpo para seu próprio prazer e não apenas como "um meio para um fim"? A maternidade surge como mais uma obrigação na extensa lista de "coisas a fazer" que as mulheres possuem. Conciliar carreira, suas vidas pessoais e todas as inúmeras expectativas que recaem sobre mulheres, não é tarefa fácil: sobretudo, pois além disso tudo, ainda há que se performar feminilidade e docilidade. Em *A Construção da Feminilidade Bíblica*, Beth Allison Barr adianta que: "no início do século XIX, a separação entre o trabalho e o lar, as afirmações científicas sobre a distinção e a fraqueza femininas e os ensinamentos cristãos enfatizando o papel da esposa e a piedade natural das mulheres se fundiram. Nascia o culto da domesticidade", (Barr, 2022: 208) sendo que, ainda conforme a autora "é difícil precisar sua data de nascimento, mas definitivamente o culto à domesticidade surgiu no início do século XIX", sendo a devoção, a pureza, a submissão e a domesticidade os quatro principais componentes dos quais destacamos a Pureza

as mulheres não são criaturas naturalmente sexuais. Suas mentes e corações são mais puros que os dos homens, e a sexualidade só é importante porque permite que as mulheres sejam mães. As mulheres devem ser cobertas e protegidas do perigo de predadores sexuais (Barr, 2022: 208).

Entendemos que a maternidade como consequência natural por nascer sob o sexo feminino é um papel de utilidade quando apresentado como obrigação, como expectativa subsequente de quem nasce provida dos órgãos reprodutores ( a gravidez em corpos transsexuais não é, em geral, bem vista e nem sofre pressão para que ocorra, pelo contrário). Ressaltamos aqui um ponto em comum a todos os *papéis de utilidade* que apresentaremos: a cobrança é coletiva, mas a dívida é somente da mulher. Com isso, ressaltamos que a estrutura cultural da sociedade exerce a pressão para que a mulher seja ou atue de dada maneira e as intempéries, dificuldades, os dissabores e problemas advindos de tal solicitação, são de responsabilidade única e exclusiva das mulheres. No caso da maternidade, a mesma sociedade que tem a expectativa de que toda mulher queira e seja mãe é a sociedade que julga a mulher por ter filhos e trabalhar, por ter filhos e não ser casada, por ter filhos e não trabalhar fora...

Relembrando: os *papéis de utilidade* são de utilidade e não de reconhecimento, gratidão, apoio ou algo que seja benéfico às mulheres. Eles ocupam seu espaço como moderadores das liberdades femininas para que a sociedade continue funcionando como funciona há séculos: favorecendo uma minoria que detém e controla o poder, simbólico e não-simbólico.

Biologicamente, a sensação que temos é a de que o corpo feminino foi criado biologicamente para atender às necessidades evolutivas de reprodução da espécie: pontos erógenos espalhados em diversas partes do corpo certificam que algum deles atrairá a vontade pelo toque, pela relação sexual, pelo desejo. Chega a ser curioso pensar sobre como é raro falar abertamente sobre o desejo sexual feminino, presente em corpos de mulheres. Ainda existe tabu, ainda permanece evidente o preconceito com a liberdade reivindicada por tais corpos, pois a sexualidade feminina está intimamente relacionada à sua respeitabilidade social. Conforme Gerda Lerner, (2019: 265):

Para as mulheres, a classe é mediada por meio de seus vínculos sexuais com um homem. É através do homem que as mulheres recebem ou perdem acesso aos meios de produção e a recursos. É por meio de seu comportamento sexual que ganham acesso à classe. 'Mulheres respeitáveis' ganham acesso à classe por meio de pais e maridos, mas quebrar as regras sexuais pode rebaixá-las de classe. A definição sexual de 'desvio' marca uma mulher como 'não respeitável', o que de fato confere a ela o mais baixo status social possível. As mulheres que se abstêm de serviços heterossexuais (tais como mulheres solteiras, freiras, lésbicas) estão conectadas ao homem dominante de sua família de origem e, através dele, recebem acesso a recursos (Lerner, 2019: 265).

“Seja uma lady na rua e uma puta na cama”, que atire a primeira pedra a mulher que nunca ouviu esta sentença - com maiores ou menores variações em sua estrutura frasal. Espera-se da mulher um comportamento de castidade e uma postura angelical que a aproximem de um ser etéreo e inatingível, afinal, a perfeição sempre ronda prontamente todas as cobranças advindas com os *papéis de utilidade*. E, no entanto, a contradição que existe nesta outra fala, “cuidado! Se teu homem não encontrar em casa, ele vai procurar na rua!”, reforça que o que a sociedade patriarcal deseja mesmo, é que a mulher aprenda a mentir e a fingir. Ou seja: seja a puta que desejam na cama, mas faça de conta de que não é. E aí, neste ponto, outro questionamento: o que vem a ser o “ser puta”? Trata-se de ter muitos parceiros sexuais? De ser livre e dar a liberdade para quem e o que desejarmos dar? O que quantifica esse “muitos” parceiros? Mais de um, já consideram “muitos”? “Senta direito, menina! Já és uma moça!”: educa-se a menina principalmente quando está de saia, pois cercear os modos de uma criança é o caminho escolhido em detrimento a repreender os adultos que se excitam com seus gestos infantis. “Não use batom vermelho, não é coisa de mulher direita”: pouca ou nenhuma maquiagem, a sociedade que exige a tal da “beleza natural” é a mesma que aponta os primeiros fios de cabelos brancos que aparecem nas mulheres, as primeiras rugas, as estrias e celulites.

Aos meninos que saem da infância e atingem a puberdade, muitas famílias ainda “presenteiam-lhes” com uma noite na qual uma profissional do sexo os “auxilia a virarem homens”. Às meninas que saem da infância e chegam à puberdade, é-lhes ensinado métodos contraceptivos, em quais horários e com quem andar pelas ruas, quais roupas usar ou não utilizar para não chamar a atenção dos olhares masculinos. Estas duas realidades bastante frequentes aqui no Brasil, apresentam a disparidade da naturalidade com que a sexualidade da mulher é tratada frente à sexualidade do homem desde bem cedo. Subjaz um mapa para o entendimento do prazer dos corpos de mulheres? Com a infinidade de objetos eróticos e brinquedos adultos criados a fim de satisfazer o desejo feminino, é surpreendente que poucas mulheres tenham acesso ao prazer sexual com seus parceiros. Se para o homem, muitas vezes, o ponto máximo do seu prazer é a ejaculação, para as mulheres, no entanto, existem mais camadas sobrepostas quando o assunto é desejo sexual.

E claro, o egoísmo da sociedade patriarcal também alcança a insatisfação sexual feminina, sobretudo em relacionamentos heterossexuais. Para Catherine Malabou (2024):

O clitóris é uma pedrinha minúscula alojada no fundo do sapato do imaginário sexual. (...) Clitóris: esse pequeno segredo intumescido que persiste, resiste, incomoda a consciência e fere o calcanhar é um órgão, o único, que serve apenas para o prazer - logo, 'para nada'. O nada de tudo, o imenso nada, o tudo ou nada do gozo feminino (Malabou, 2024: 10).

O “nada do gozo feminino” como resultado do papel de utilidade: sexo somente para reprodução, sexo somente para proporcionar prazer ao homem, sexo somente com um único parceiro, sexo somente de forma que seja aceitável à sociedade. Um órgão que serve somente para o prazer é invisibilizado, ignorado e soterrado, uma parte do corpo e corpos inteiros que são soterrados sob os ecos da opressão patriarcal existente na experiência feminina e em sua (não) liberdade com sua sexualidade.

## 4. Walk on My Shoes

Ande calçando os meus sapatos... Se você estivesse na minha pele...

Após ver uma mulher caminhando lentamente, provavelmente por estar com dor nos pés pelo salto que usava, “atrasando” um homem de sapatênis, a tangibilização das dores, dificuldades, silenciamentos e invisibilidades que permeiam as vidas rotineiras de todas nós, nasceu esta ideia que começa a ser apresentada aqui. *Walk On My Shoes* nasce enquanto proposição de materialização dos afetos e atravessamentos sentidos na produção de subjetividades presentes nos atos de nascer-tornar-descobrir-entender-se mulher em uma sociedade que ainda precisa debater - muito mais e sempre - temáticas feministas e sobre feminismos. O calçado da Figura 1, amplamente reproduzido por diversas marcas ao redor do mundo na última década (2010 a 2020)<sup>5)</sup> mostra o tornozelo do pé estrangulado por suas tiras de couro sobrepostas às barras da calça, Semelhante a um cinto justo, prendem os tornozelos de modo a fazê-los parecer “cinturas” femininas. A distorção texto-imagem-mensagem é tamanha, que a reportagem de onde foi retirada a Figura 1 apresenta o conteúdo enquanto um “truque de styling”. Uma outra observação necessária e pertinente a este tipo de amarração: assemelha-se à amarração por cordões ao estilo gladiadora, dando voltas ao redor dos tornozelos e panturrilhas, bem como às amarrações estilo espartilho, que fazem com que as tiras amarradas deslizem pela panturrilha, fazendo com que seja necessário que a amarração seja feita de forma bem justa, ferindo a pele, o conforto e a estabilidade ao caminhar. Desta forma, amarrar por cima da calça pode aliviar um pouco dos possíveis desconfortos físicos e, portanto, camuflar a manobra estética em dica de *styling* para o *look*. Este esforço por utilizar um calçado que fere, incomoda e não é confortável deve-se a quê, exatamente? O calçado amarrado e ajustado por cima da barra da calça é realmente ‘estiloso’?

---

<sup>5)</sup> Tal informação é resultante de pesquisas da designer Martina Viegas, uma das autoras deste artigo. Martina trabalha com pesquisas de tendências e desenvolvimento de produtos e de materiais à moda.

<sup>6)</sup> Disponível em Este jeito de amarrar a sandália é o melhor truque de styling dos últimos tempos



**Figura 1: Salto alto com amarrações**

Fonte: Redação Glamour<sup>®</sup>.

Para Lourdes Maria Bandeira (2019: 304-305):

Há o pressuposto de que a violência contra mulheres é um tipo de violência apreendida no decorrer dos processos primários de socialização e deslocada para a esfera da sociedade em momentos secundários da socialização e na sociabilidade da vida adulta. Tal modalidade de violência, portanto, não se caracteriza como patologia ou como desvio individual, mas sim como 'permissão social' concedida aos homens na sociedade, em relação a qual estariam de acordo (Bandeira, 2019: 304).

As mulheres têm *papéis de utilidade* desde seus primeiros momentos de existência e convívio na sociedade. Quando uma família descobre que receberá uma menina, iniciam-se os preparativos, comentários e expectativas sobre de quem ela será amiga, do que gostará, de quem será namorada... As orelhas das meninas são perfuradas para receber brincos na mais tenra idade sem que haja algum tipo de consentimento. Talvez seja esta uma das primeiras violências físicas contra os corpos das mulheres na nossa sociedade. Meninas e mulheres ainda são oferecidas como pagamento de dívidas de famílias em diversas partes do mundo. Homens que querem se casar para ter alguém que limpe a casa e cozinhe. Mulheres ocupando cargos em empresas para preencher cotas que corroborem com a ideia de que a empresa é inclusiva. "As mulheres foram feitas para ser mães, como podem não querer engravidar?" Mulheres que são traídas e/ou abandonadas por seus parceiros quando adoecem ou passam por alguma dificuldade. Não importa como nos sentimos nem o que pensamos, desde que cumpramos nossos *papéis de utilidade*.

Conforme imagens abaixo, Rebecca Shinnors (2016) compartilha machucados em pés de criança pequena (Figura 2), ocasionados por uma sandália estilo *jelly shoe* bastante reproduzida por marcas ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Geralmente confeccionadas em material sintético de policloreto de vinila, mais conhecido como PVC ou em poliuretano termoplástico (TPU). Embora as sandálias apresentem forma maleável, importante ressaltar que a pele de crianças pequenas é bastante sensível e frágil, fazendo-se necessário que produtos comercializados às crianças sejam pensados exclusivamente para elas. Industrialmente, há o equívoco costumeiro da simples adaptação de produtos para adultos às crianças, desconsiderando particularidades das criança .



**Figura 2: Calçado infantil para meninas**

Fonte: Woman's Day<sup>7)</sup>. .

Ao normalizarmos o pensamento de que as mulheres “precisam sofrer para alcançar a beleza desejada”, endossamos o papel de utilidade do adorno acima do seu bem-estar. Conforme Adichie (2015): “Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal.” Chloe Bryan (2016) em reportagem intitulada *Photo of female server's bloody feet highlights restaurant's unfair uniform policy*, reforça que a imagem traz à tona “requisitos sexistas, arcaicos e política totalmente nojenta”. A Figura 3 diz respeito aos pés de uma recepcionista de restaurante, ensanguentados após um dia de trabalho usando calçado de salto alto. A mesma imagem também saiu em reportagem do Daily News, em 2016.

<sup>7)</sup> Disponível em These Popular Toddler Shoes Turned One Little Girl's Feet Into a Bloody Mess



**Figura 3: Pés de funcionária após uso de sapato de salto**

Fonte: Chloe Brian em Mashable.com<sup>8)</sup>.

As violências contra o corpo das mulheres e os corpos feminizados são lidas a partir de uma situação singular - o corpo de cada uma -, para então produzirem uma compreensão da violência como fenômeno total. O corpo de cada uma, como trajetória e experiência, se torna assim via de acesso, um modo concreto de localização, a partir do qual se produz um ponto de vista específico: como se expressa a violência, como a reconhecemos, como a combatemos, como ela se singulariza no corpo de cada uma? (Gago, 2020: 73).



**Figura 4: Raio-x de pé usando salto alto**

Fonte: Cristina Lanzito, em The Washington Post<sup>9)</sup>.

<sup>8)</sup> Disponível em [Photo of female server's bloody feet highlights restaurant's unfair uniform policy](https://www.mashable.com/photo-of-female-server-s-bloody-feet-highlights-restaurant-s-unfair-uniform-policy/) | Mashable

<sup>9)</sup> Disponível em <https://www.washingtonpost.com/national/health-science/high-heeled-shoes-may-look-good-but-theyre-bad->

A Figura 4 acima, mostra uma imagem de raio-x de uma pessoa calçando um sapato modelo Scarpin, é possível ver na imagem o esforço realizado na ponta do pé para segurar o peso do corpo todo, além de ser este tipo de salto um grande causador de inflamações no tendão de Aquiles e, justamente pelo exposto, trazemos à discussão que a posição do pé elevado e curvado de modo a sustentar o peso do corpo equilibrando-se em cima de saltos altos, assemelha-se a uma reverência ao patriarcado que molda, julga e exige que a mulher esteja sempre à disposição no ato de adornar. Além disso, é de amplo conhecimento que tal salto modifica a postura, dando maior destaque aos glúteos. E como comenta Gago (2020) no excerto anterior, a violência contra o corpo das mulheres fica localizada em seus corpos, sendo possível, por meio dos corpos das mulheres, compreender como as violências são específicas a cada uma de nós, como se expressa e como combatemos.

## Trabalho

Telefone não para  
Whatsapp 24/7  
Reuniões infindas  
Dedicação não reconhecida  
Mas e a família?  
Teu marido não estranha?  
Teus filhos não sentem falta?  
E da casa, quem cuida?  
(Figura 5)<sup>10)</sup>



**Figura 5: Trabalho**

Fonte: As Autoras.

## Maternidade

Nem tive tempo  
Enquanto o rebento chora  
Me escondo do mundo  
Podia congelar  
Preferi não esperar  
Mãe não pode  
Quem reclama  
É mãe que não sabe amar  
(Figura 6)<sup>11)</sup>



**Figura 6: Maternidade**

Fonte: As Autoras.

<sup>10)</sup> Saiba mais sobre o projeto *Walk On My Shoes* em <https://www.marebemalta.com.br/walk-on-my-shoes>

Poema Trabalho de autoria de Luara Fukumoto, escrito exclusivamente para o projeto *Walk On My Shoes*.

Ilustração vetorial inicial Trabalho de autoria de Martina Viegas, desenvolvida exclusivamente para o projeto *Walk On My Shoes*.

<sup>11)</sup> Saiba mais sobre o projeto *Walk On My Shoes* em <https://www.marebemalta.com.br/walk-on-my-shoes>

Poema Trabalho de autoria de Luara Fukumoto, escrito exclusivamente para o projeto *Walk On My Shoes*.

Ilustração vetorial inicial Trabalho de autoria de Martina Viegas, desenvolvida exclusivamente para o projeto *Walk On My Shoes*.

## Sexualidade

Contam meus pares  
Trios ou mais  
Me chamam vulgar  
Julgam e apontam  
Que deveria casar  
Me acalmar  
Da casa cuidar  
Ter filhos e criar  
(Figura 7)<sup>12.)</sup>



**Figura 7: Maternidade**

Fonte: As Autoras.

## 5. Considerações Finais

Já disse Sartre (2023: 139): “você se lembram: enxofre, fornalhas, grelhas... Ah! Que piada. Não precisa de nada disso: o inferno são os Outros.” Do ponto de vista masculino (a partir de Sartre, 2023), o inferno são sempre mulheres, o "Outro". Aqui cabe a pergunta: e caso a obra tivesse sido escrita por Beauvoir, por exemplo, e ao invés de ter sido intitulada "o segundo sexo", pensássemos em um deslocamento que colocasse Sartre enquanto representação do inferno ao apontar que este são os outros e, no caso da história da peça a qual nos referimos, às mulheres?

Haveria espaço à produção de subjetividades presente neste hipotético deslocamento do acusador ao papel de acusado, justamente por ser este o acusador? A "vítima" que se torna algoz, neste caso sabido que nem vítima o personagem Garcin era, (apenas revestindo-se de tal e, para proteger tal revestimento, acabou tornando-se o algoz). Neste breve trecho da obra *Entre Quatro Paredes*, Sartre deixa claro que não há julgamento ou castigo maior do que o que vem do outro. Enquanto em nós mesmos, não há inferno, segundo esta obra. Contudo, o poder simbólico, como colocado por Bourdieu (2021: 4), “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” Deduzimos, portanto, que os *papéis de utilidade* apresentam-se assim às mulheres: estamos sujeitas e ignoramos por ser parte tão imbricada do tecido social e aqueles que exercem o poder também estão na mesma situação.

---

<sup>12.)</sup> Saiba mais sobre o projeto *Walk On My Shoes* em <https://www.marebemalta.com.br/walk-on-my-shoes>

Poema *Trabalho* de autoria de Luara Fukumoto, escrito exclusivamente para o projeto *Walk On My Shoes*.

Ilustração vetorial inicial *Trabalho* de autoria de Martina Viegas, desenvolvida exclusivamente para o projeto *Walk On My Shoes*.

O prestígio que o homem tem na sociedade - realizando o que seja - é explicado por Simone de Beauvoir (2019: 506) quando diz que “o privilégio que o homem tem, e que se faz sentir desde sua infância, está em que sua vocação de ser humano não contraria seu destino de macho.” Diferentemente da mulher que, “para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano.” Os *papéis de utilidade* apresentam-se, portanto, como resultado desta renúncia constante solicitada às mulheres, que se abstenham de sua soberania sobre si mesmas para atenderem ao outro.

Esta violência, a de renunciar a si mesma em prol do outro, é recorrente em sociedades patriarcais: aqueles que não detêm o poder renunciam a si mesmos para continuar “convivendo”, ou seja, para continuar com o mínimo de acesso que lhes é permitido a espaços, para que performem dentro do que é esperado sob pena de serem julgadas e condenadas caso não cumpram o destino já traçado, as mulheres renunciam a si mesmas, submetendo-se a violências e opressões. A constância com que a submissão é praticada é explicada como (Bourdieu, 2022):

essa forma peculiar de sentido do jogo que se adquire pela submissão prolongada às regularidades e às regras da economia de bens simbólicos, é o princípio do sistema de estratégias de reprodução pelas quais os homens, detentores do monopólio dos instrumentos de produção e de reprodução do capital simbólico, visam a assegurar a conservação ou o aumento deste capital: estratégias de fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias educativas, estratégias econômicas, estratégias de sucessão, todas elas orientadas no sentido de transmissão dos poderes e dos privilégios herdados (Bourdieu, 2022: 85).

Esclarece-se aqui que o que está em jogo é a manutenção do poder exatamente onde está e, ao apresentarmos os *papéis de utilidade*, destacamos ferramentas moderadoras do que poderia (ou pode) ser um movimento contra hegemônico, um movimento já realizado por algumas mulheres individualmente, por organizações sem fins lucrativos, um movimento que busca colocar as mulheres nos centros e na soberania de suas próprias existências. O passado já foi escrito e não há como mudá-lo, contudo, o combate constante às formas de opressão que ainda ecoam deve ser pilar fundamental na construção da atualidade e do futuro, para que as mulheres tenham os papéis que quiserem e não somente os de utilidade.

Como disse Chimamanda Adichie (2010: 23) “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” Os *papéis de utilidade* que apresentamos aqui, a saber: trabalho, maternidade e sexualidade, servem como pontos de observação para que as repetições sejam quebradas e que novas histórias, em todas as suas diversidades, sejam escritas, compartilhadas e fortalecidas.

O projeto *Walk On My Shoes* conta hoje com muitos outros desdobramentos afetivos-comunicacionais representando através dos calçados femininos, silenciamentos e opressões direcionadas às mulheres. A temática, infelizmente, ainda está longe de estar esgotada. Entretanto, ficamos felizes em partilhar aqui, pela primeira vez, os primeiros desdobramentos de nosso conceito de *papéis de utilidade*, materializados graficamente. Que o poder seja inerente a todos os que integram a sociedade e não somente a uma pequena minoria. Que possamos seguir caminhando, a passos largos, rumo a futuros mais dignos e inclusivos a todas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adichie, C. (2019). *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras.
- Agência Gov. MEC/INEP. (2024). *Conclusão do ensino superior é maior entre estudantes com cotas e ProUni: Diz pesquisa*. Recuperado em 10 de outubro de 2024, de <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202410/mec-e-inep-divulgam-resultado-do-censo-superior-2023>
- Bandeira, L. M. (2019). Violência de gênero: A construção de um campo teórico e de investigação. In H. B. de Hollanda (Org.). *Pensamento feminista brasileiro: Formação e contexto* (pp. 292–313). Bazar do Tempo.
- Beauvoir, S. de. (2019). *O segundo sexo: A experiência vivida*. Nova Fronteira.
- Bourdieu, P. (2021). *O poder simbólico*. Edições 70.
- Bourdieu, P. (2022). *A dominação masculina*. Bertrand Brasil.
- Brasil, Presidência da República. (1952). *Lei n.º 1.723, de 8 de novembro de 1952*. Recuperado em 10 de outubro de 2024, de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l1723.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l1723.htm)
- Brasil, Presidência da República. (2023). *Lei n.º 14.611, de 3 de novembro de 2023*. Recuperado em 10 de outubro de 2024, de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2023/lei/l14611.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14611.htm)
- Brown, R. M. (1974). The last straw. In C. Bunch & N. Myron (Orgs.). *Class and feminism* (pp. 14–23). Diana Press.
- Gago, V. (2020). *A potência ou o desejo feminista de transformar tudo*. Elefante.
- hooks, b. (2024). *Teoria feminista: Da margem ao centro*. Perspectiva.
- IBDFAM, Assessoria de Comunicação. (2023). *IBGE: Mais de 2,5 milhões de mulheres não trabalham para cuidar de parentes ou das tarefas domésticas*. Recuperado em 10 de outubro de 2024, de <https://ibdfam.org.br/noticias/11372/IBGE%3A+mais+de+2%2C5+milh%C3%B5es+de+mulheres+n%C3%A3o+trabalharam+para+cuidar+de+parentes+ou+das+tarefas+dom%C3%A9sticas>
- IBGE. (2022). *Síntese de indicadores sociais: Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: Segurança alimentar*. Recuperado em 10 de outubro de 2024, de <https://www.ibge.gov.br>
- Instituto Patrícia Galvão. (2020). *Percepções sobre a violência e o assédio contra mulheres no trabalho*. Recuperado em 10 de outubro de 2024, de <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/percepcoes-sobre-a-violencia-e-o-assedio-contra-mulheres-no-trabalho-instituto-patricia-galvao-locomotiva-2020/>

Jones, C. (1949, junho). *An end to the neglect of the problems of the Negro woman! Political Affairs. National Women's Commission, CPUSA*. Recuperado em 26 de novembro de 2025, de <https://stars.library.ucf.edu/prism/467/>

Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino*. Boitempo.

Lerner, G. (2019). *A criação do patriarcado: Feminismos plurais*. Cultrix.

Nascimento, L. (2021). *Transfeminismo: Feminismos plurais*. Jandaíra.

Saffioti, H. (2013). *A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade*. Expressão Popular.

Sartre, J.-P. (2023). *Entre quatro paredes*. Civilização Brasileira.

## Martina Viegas.

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, bolsista Capes Prosup Taxas. Mestra em Processos e Manifestações Culturais pela FEEVALE. Designer e Professora de cursos de graduação e pós-graduação da (FEBASP) - Belas Artes-São Paulo; professora SENAI Cetiqt, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [martina.viegas@gmail.com](mailto:martina.viegas@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1776-1343>

## Luara Fukumoto.

Mestra em Comunicação e Práticas de Consumo pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM ESPM), bolsista Capes Prosup Taxas. E-mail: [fukumoto.luara@gmail.com](mailto:fukumoto.luara@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8593-1368>

Receção: 09-07-2024

Aprovação: 10-12-2025

## Citação:

Viegas, M., & Fukumoto, L. (2025). Walk on my Shoes e “o Inferno” de ser “o Outro”: Diversidades e desafios presentes nos silenciamentos femininos. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 8(2), pp.118-136 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav8n2a8>





